



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



**Forma e Conteúdo na Poesia IV:
A sonoridade poética**

Aula 13



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 13

Forma e Conteúdo na Poesia IV:
A sonoridade poética

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0



Aula 13

Forma e Conteúdo na Poesia IV: A sonoridade poética

Apresentação e Objetivos

Olá! Nesta aula, vamos finalizar o estudo das formas poéticas. Você estudou, na aula anterior, as relações entre música e literatura, assim como os principais tipos de verso e seu esquema rítmico, ou seja, o ritmo que se imprime em cada verso, dependendo do local em que se posicionam as sílabas tônicas. Agora, você vai conhecer outros recursos úteis na criação dos recursos melódicos do texto, caso da rima, da aliteração e da assonância. Vamos à aula!

Ao final desta aula, você deverá:

- compreender a importância dos recursos melódicos para a poesia;
- conhecer as classificações de rima;
- identificar o esquema rítmico dos poemas;
- identificar recursos como aliteração e assonância.



Para Começar

Na ribeira deste rio

Na ribeira deste rio
ou na ribeira daquele
passam meus dias a fio.
Nada me impede, me impele,
me dá calor ou dá frio.



Fig. 01 - rio

Vou vendo o que o rio faz
quando o rio não faz nada.
Vejo os rastros que ele traz,
numa sequência arrastada,
do que ficou para trás.

Vou vendo e vou meditando,
não bem no rio que passa
mas só no que estou pensando,
porque o bem dele é que faça
eu não ver que vai passando.

Vou na ribeira do rio
que está aqui ou ali,
e do seu curso me fio,
porque, se o vi ou não vi,
ele passa e eu confio.

Fernando Pessoa

O poeta português Fernando Pessoa era um grande apreciador da musicalidade nos versos. Este poema dele, que fala da lenta passagem do tempo sobre o qual o eu lírico reflete ao observar um rio, tem musicalidade impressa pelas rimas, pelo esquema rítmico e por figuras como aliteração e assonância, que fazem uso da repetição de sons consonantais e vocálicos na organização dos versos. O poema, por si só, já é bastante melódico, mas ele também recebeu a companhia de uma composição musical, feita pelo músico brasileiro Dori Caymmi, filho do compositor baiano Dorival Caymmi. Acompanhe a belíssima interpretação de Dori Caymmi e Renato Braz, desse poema de Fernando Pessoa, em: <http://letras.terra.com.br/dorival-caymmi/356572/>

Assim é



1. Rimas e esquema rítmico

No poema, força-se o signo para o reino do som.

Alfredo Bosi

Nós vínhamos apresentando os tipos de verso e como eles interferem na musicalidade do poema a partir do jogo entre sílabas tônicas e átonas, gerando um esquema rítmico. Você percebeu que os versos mais longos contam com esquemas de ritmo que geram diferentes ritmos nos versos. Casos do decassílabo e do alexandrino, por exemplo. Em geral, indicamos o esquema rítmico ao final dos versos demonstrando com a seguinte fórmula:

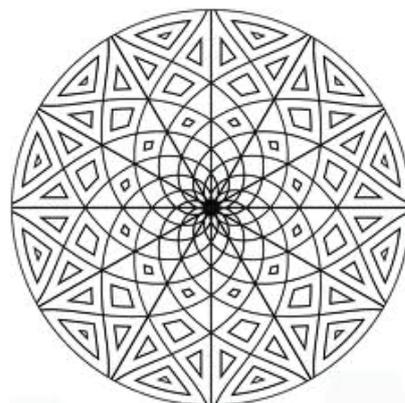


Fig. 02 - Forma geométrica

De/ tu/do ao/ meu/ a/MOR/ se/rei/ a/**TEN/to** ER10 (6 -10)

O esquema rítmico do verso acima indica que é um verso de 10 sílabas (decassílabo), com sílabas tônicas na 6a e 10a sílabas.

O que podemos perceber, ao longo de nossas aulas, é que as noções de metro, verso e ritmo estão totalmente associadas. Ou seja, ao identificarmos o tipo de verso, fazendo a escansão, já podemos identificar o ritmo predominante, elaborando o esquema rítmico.

Precisamos conhecer, também, outra classificação, a das estrofes. Você sabe o que é uma estrofe? É como se chama o conjunto de versos em que se divide cada poema. Por exemplo, o soneto petrarquiano possui 14 versos divididos em 4 estrofes,

dois quartetos e dois tercetos. Você já viu vários desses poemas ao longo das nossas aulas, não é mesmo?

Como você já deve ter notado, portanto, o nome das estrofes corresponde à quantidade de versos que ela possui. Assim, temos:

- **Dísticos** – estrofes com dois versos.
- **Tercetos** – estrofes com três versos.
- **Quartetos** – estrofes com quatro versos, também chamada de **quadra**.
- **Quintilha** – estrofes com cinco versos
- **Sextilha** - estrofes com seis versos
- **Sétima** ou **hepteto** – estrofes de sete versos.
- **Oitava** – estrofe de oito versos, que pode ser heroica ou lírica. No primeiro caso, surge mais frequentemente em poemas épicos, como *Os Lusíadas*, de Camões e se define por um esquema de rimas mais fixo (abababcc). No segundo caso, o esquema de rima é variável e pode indicar a união de duas quadras.
- **Nona** – é uma estrofe pouco comum, que contém nove versos.
- **Décima** – como o nome já diz, é a reunião de dez versos. Em geral, pode ser vista como a união de uma sextilha e um quarteto ou de duas quintilhas.

Não são comuns as estrofes de mais de dez versos. Embora existam, geralmente são tidas como reuniões de mais de uma estrofe.

2. Rima



Fig. 03 - Notas musicais

A linguagem possui vários outros recursos para trazer musicalidade à poesia. Entre esses recursos, um dos principais é, com certeza, a rima. A **rima** é a concordância de sons entre os versos.

As rimas podem ser finais, quando concordam as sílabas finais de cada verso, ou internas, quando há concordância de um som do final do verso com outros do meio do verso.

A **rima interna** não é muito fácil de ser encontrada ou percebida. Veja um exemplo no poema *Não sabes*, de Castro Alves:

Quando alta noite n'ampidão flutua
Pálida a **lua** com fatal **palor**,
Não sabes, virgem, que eu te suspiro
E que deliro a suspirar de **amor**."

Castro Alves, 2012

Nesse poema, a rima flutua/lua não acontece no final do verso, mas do final para o meio do verso, por isso se chama rima interna.

As rimas finais são mais comuns e podem ser organizadas de diversas formas ao longo do poema. Veja os esquemas demonstrados na tabela 1, a seguir:

Tipo de rima	Como ocorre	Exemplo
Cruzada ou alternada	O 1o verso rima com o 3o. O 2o verso rima com o 4o.	O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. PESSOA, 2012.
Interpolada	O 1o verso rima com o 4o. O 2o e 3o versos rimam entre si.	Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento MORAES, 2012.
Misturada	Apresentam um esquema que mistura os anteriores.	É meia-noite ...e rugindo Passa triste a ventania. Com um verbo da desgraça Como um grito de agonia ALVES, 1997, p. 156.
Órfã ou perdida	Quando não há concordância de sons com outro verso.	Esperei-te toda noite Em crescente exaltação: Os meus braços te acenavam, Os meus lábios te chamavam, E enquanto esperava, em vão, Os ramos garatujavam Ao luar, teu nome no chão. MARIANO, 2012.

Há ainda outras formas de definição das rimas. Elas podem ser:

- **Agudas** – formadas por palavras oxítonas;
- **Graves** – formadas por palavras paroxítonas.;
- **Esdrúxulas** – formadas por palavras proparoxítonas.

Há ainda a classificação entre **rimas ricas** ou **pobres**, mas essa classificação caiu em desuso, pois era mais importante para poetas cuja maior preocupação era a forma ou o vocabulário, caso dos poetas parnasianos. De qualquer forma, para que você saiba, as rimas podiam ser ricas ou pobres segundo o critério gramatical ou segundo o critério fônico.

Gramaticalmente, rimas ricas deveriam rimar palavras de classes gramaticais diferentes. Isto é, substantivo com adjetivo, por exemplo. Ao rimar palavras da mesma classe gramatical, tem-se a rima pobre.

Segundo o critério fônico, as rimas são pobres ou ricas dependendo dos sons que se assemelham. Na rica, a identificação deve começar antes da vogal tônica. Na rima pobre, os sons se igualam a partir da vogal tônica.

Pensando, ainda, no critério fônico, as rimas também podem ser classificadas em **toantes** ou **consoantes**.

Há ainda o **verso branco**, isto é, versos sem rima final. *O Uruguay*, poema de Basílio da Gama, é construído com esse verso.

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos e impuros
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilheria.
Musa, honremos o Herói que o povo rude
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ai tanto custas, ambição de império!
E Vós, por quem o Maranhão pendura

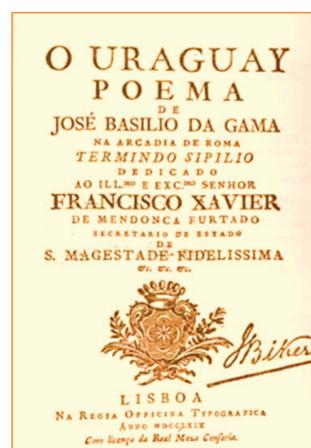


Fig. 04 - O Uruguay

Basílio da Gama. *O Uruguay*. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/basiliodagama/uruguai.htm>
Acesso: 17 de fev.2012.

Observe que nenhum dos versos rima entre si, mas nem por isso o poema deixa de ter uma certa melodia. Vamos falar sobre isso na segunda parte desta aula. Por agora, veja um exemplo de rima final no *Soneto da Fidelidade*, de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei **atento**
Antes, e com tal zelo, e sempre, e **tanto**
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se encante mais meu **pensamento**.

Quero vivê-lo em cada vão **momento**
E em seu louvor hei de espalhar meu **canto**
E rir meu riso e derramar meu **pranto**
Ao seu pesar ou seu **contentamento**

E assim, quando mais tarde me **procure**
Quem sabe a morte, angústia de quem **vive**
Quem sabe a solidão, fim de quem **ama**

Eu possa me dizer do amor (que **tive**):
Que não seja imortal, posto que é **chama**
Mas que seja infinito enquanto **dure**.



Fig. 05 - Mão/amor

MORAES. Vinícius de. *Soneto da Fidelidade*. Disponível em: http://www.releituras.com/viniciusm_fidelidade.asp. Acesso: 13 de fev. 2012.

Observe que a cada final de verso os mesmos sons se repetem numa frequência que pode variar, mas que obedece a um determinado esquema, que denominamos de esquema rímico. Esse esquema, em geral, é apontado através do uso de consoantes que marcam cada mudança de som. O soneto de Vinícius, por exemplo, apresenta o seguinte esquema de rimas:

De tudo ao meu amor serei **atento**(A)
Antes, e com tal zelo, e sempre, e **tanto**(B)
Que mesmo em face do maior **encanto**(B)
Dele se encante mais meu **pensamento**.(A)

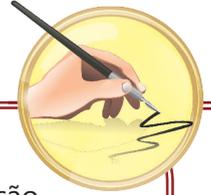
Quero vivê-lo em cada vão **momento**(A)
E em seu louvor hei de espalhar meu **canto** (B)
E rir meu riso e derramar meu **pranto**(B)
Ao seu pesar ou seu **contentamento**(A)

E assim, quando mais tarde me **procure**(C)
Quem sabe a morte, angústia de quem **vive**(D)
Quem sabe a solidão, fim de quem **ama** (E)

Eu possa me dizer do amor (que **tive**): (D)
Que não seja imortal, posto que é **chama**(E)
Mas que seja infinito enquanto **dure**. (C)

Ele usa, basicamente, o esquema clássico de rimas de um soneto estilo italiano, que seria ABBA/ABBA/CDC/DCD, ou seja, rimas interpoladas e paralelas nos quartetos e rimas alternadas nos tercetos, mas, ele altera levemente o esquema de rimas, porque as alternadas não apresentam o mesmo som CDC/DCD, são alternadas com um terceiro som, criando o esquema CDE/DEC. Existem várias explicações para essa alteração do esquema clássico, o fato de Vinícius de Moraes ser um poeta moderno é uma delas, mas o próprio tema da poesia, que fala da efemeridade do amor que, apesar de intenso, se transforma, se modifica, como uma chama, também pode servir de base para explicar a alternância final das rimas.

Como você pode ver, portanto, existem poemas que já apresentam um esquema padrão de rimas, que os poetas têm liberdade para alterar, mas que, em geral, alteram por força do tema ou por alguma necessidade estilística. Não podemos falar sobre todos esses padrões nesta aula, você deve buscar mais informações em outros materiais para aprofundar seus conhecimentos. Por enquanto, dê uma paradinha e ponha em prática o que aprendeu.



1. Elabore o esquema de rimas do poema abaixo e indique a classificação das rimas de acordo com o que você aprendeu na primeira parte desta aula. Se são rimas ricas, pobres, toantes, consoantes, etc.

O LAÇO DE FITA



Não sabes, criança? 'Stou louco de amores...
Prendi meus afetos, formosa Pepita.
Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas?!
Não rias, prendi-me
Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabelos da moça bonita,
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

E agora enleada na tênue cadeia

Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
Ó laço de fita!

Meu Deus! As falenas têm asas de opala
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas penas brilhantes...
Mas tu... tens por asas
Um laço de fita.

Há pouco voavas na célere valsa,
Na valsa que anseia, que estua e palpita.
Por que é que tremeste? Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale

Abrirem-me a cova... formosa Pepita
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa...
Teu laço de fita.

(ALVES, Castro. *Laço de fita*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000006.pdf> Acesso em 20 de fev. 2012, p. 8)

3. Recursos sonoros na poesia

Além da rima, existem inúmeros outros recursos sonoros de que o poeta pode lançar mão na construção do poema. Nesta aula, você vai ver alguns dos mais recorrentes. Antes de passar a eles, leia o poema Berimbau, de Manuel Bandeira, a seguir:

BERIMBAU

Os aguapés dos aquaçais
Nos igapós dos Japurás
Bolem, bolem, bolem.
Chama o saci: - Si si si si!
- Ui ui ui ui ui! Uiva a iara
Nos aquaçais dos igapós
Dos Japurás e dos Purus.



Fig. 06 - berimbau

A mameluca é uma maluca.
Saiu sozinha da maloca
-O boto bate - bite bite...
Quem ofendeu a mameluca?
Foi o boto!
O Cussaruim bota quebrantos.
Nos aquaçais os aguapés
- Cruz, canhoto! -Bolem...
Peraus dos Japurás
De assombramentos e de espantos!...

BANDEIRA, Manuel. *Berimbau*. Disponível em: <http://mpbnet.com.br/musicos/olivia.hime/letras/berimbau.htm> Acesso em 20 de fev. 2012.

Não é preciso ser um grande estudioso da poesia para perceber a grande quantidade de recursos sonoros de que dispõe este poema, não é mesmo? Veja quanta repetição de sons, sejam consoantes ou vogais, imitação de interjeições, de cantos de pássaros, repetição de sílabas, enfim... Esse universo de sonoridades é muito rico e muito importante na criação da melodia das palavras.

A partir deste poema, vamos ver recursos sonoros bem importantes. Veja, por exemplo, como o autor, Manuel Bandeira, repete consoantes. Se observarmos só os dois primeiros versos, já temos a repetição do G:

Os aguapés dos aquaçais

Nos igapós dos Japurás

Na segunda estrofe, os três primeiros versos repetem M e B. Observe:

A mameluca é uma maluca.

Saiu sozinha da maloca

-O boto bate - bite bite...

A essa repetição de consoantes, principalmente quando ocorre no início das palavras, chama-se **aliteração**. Neste poema, em particular, ela reforça o frenesi do ritmo do berimbau, de que fala o título e que remete à mistura e à velocidade dos sons no poema.



Fig. 07 - Floresta tropical

Há também uma recorrente repetição de vogais. A essa repetição se dá o nome de **assonância**. Observe como o A está presente na primeira estrofe, em *aguapés*, *aguaçais*, *igapós*, *Japurás*, *saci* e *Iara*. Atente para o fato de que a vogal A é aberta e oral em todas essas palavras, ou seja, não está fechada nem anasalada. O fato de ser uma vogal aberta traz, também, abertura à sonoridade do poema. Pense o quanto ele iria soar diferente se essas vogais fossem nasais. A atmosfera não seria a mesma, não é mesmo? Nesse poema, há um ritmo frenético, de festa, de barulho, como uma floresta tropical.

Um outro recurso que o poeta explora nesse poema, é a repetição de onomatopeias que remontam ao barulho dos bichos, da natureza ou a interjeições. Veja:

Nos igapós dos Japurás

Bolem, bolem, bolem.

Chama o saci: - Si si si si!

- Ui ui ui ui ui! Uiva a iara

[...]

-O boto bate - bite bite...

A **onomatopeia** é exatamente a tentativa de recriar um som, grafando-o da forma mais parecida possível a sua sonoridade. No poema, o barulho dos bichos da floresta tropical, como o do rio Japurá, posto no plural, como se fosse muitos (bolem, bolem), o do boto (bite, bite), se mistura aos sons dos entes mitológicos brasileiros, como o do Saci que chama (si, si, si) e a Iara, que uiva (ui, ui, ui). Tudo isso misturado, cria uma confusão sonora que tenta reproduzir os sons de uma floresta tropical.

A repetição de palavras também é um recurso bastante interessante, quando utilizado propositalmente para reiterar o tema do poema. Por exemplo, observe que Bandeira repete *aguapés, Japurás, aguaçais, boto*, etc. Ele quer reforçar a imagem de coisas próprias da floresta amazônica a que remete no poema.



Fig. 08 - Manuel Bandeira

Quando a repetição da palavra ocorre na mesma posição, ela é chamada **anáfora**. Não é o caso do poema Berimbau, mas é o caso do poema *Trem de ferro*, que você lê na seção *Mãos à obra* desta aula. Dê uma olhada!

Manuel Bandeira procurava valorizar a sonoridade da linguagem. Por causa disso, muitos dos seus poemas foram, inclusive, musicados. Ouça, por exemplo, o poema berimbau, cantado por Olívia Hime no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=fwAizx1tru8>.

O **refrão** é um recurso musical também muito utilizado em poesia. Leia o poema *O cordeiro*, do poeta inglês **William Blake**¹:

O CORDEIRO

Cordeiro, quem te fez?
Sabes tu quem te fez?
Deu-te vida e alimentou-te
sobre o prado e junto à fonte;
cobriu-te com veste pura,
veste branca que fulgura;
deu-te a voz meiga e tão fina
para alegrar a campina!



Fig. 09 - Cordeiro de Deus

¹ William Blake (1757 a 1827) é um poeta e gravurista inglês que escreveu, entre outros livros, *Canções da Inocência* e *Canções da Experiência*. O poema *O cordeiro* pertence ao primeiro desses livros e se contrapõe ao poema *O tygre*, do segundo livro. Para ler mais: http://virtualbooks.terra.com.br/livros_online/william_blake/wb_bio.htm

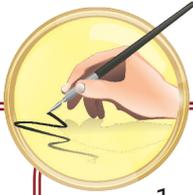
Cordeiro, quem te fez?
Sabes tu quem te fez?
Cordeiro, eu te direi,
Cordeiro, eu te direi!
Por teu nome ele é chamado,
pois assim se tem nomeado:
Ele é meigo e pequenino,
e um dia se fez menino:
Cordeiro tu, menino eu -
nos une um nome que é Seu.
Cordeiro, Deus te guarde.
Cordeiro, Deus te guarde.

William Blake (Tradução de Renato Suttana)

BLAKE, William. *O cordeiro*. Disponível em: <http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=1059&grupo=1749&topico=2828166&pag=1> Acesso em 20 de fev. 2012.

Observe que ele repete os dois primeiros versos (*Cordeiro, quem te fez?/ Sabes tu quem te fez?*) ao longo do poema e ainda agrega, nessa repetição, outros dois versos: *Cordeiro, eu te direi, / Cordeiro, eu te direi!*. Essa repetição, como ocorre entremendo grupos de poemas, funciona como um refrão que, tanto na poesia, quanto na música, serve para reiterar o tema do poema e gerar musicalidade. O poema de Blake traz a inocência do cordeiro em sua linguagem infantilizada, uso de diminutivos, por exemplo. Por outro lado, também retrata o simbolismo religioso do cordeiro como representação de Deus. Por isso, ele finaliza o poema com um dístico (dois versos) que, como um refrão, reitera o cordeiro como um animal divino: *Cordeiro, Deus te guarde./ Cordeiro, Deus te guarde.*

Bem, nesta aula, você acabou de ver uma série de recursos sonoros utilizados na linguagem poética. Agora, dê uma paradinha, faça um exercício para lembrar o que estudou, porque a próxima aula ainda traz surpresas para você.



Mãos à obra

1. Leia agora o poema *Trem de ferro*, do mesmo Manuel Bandeira e identifique os recursos sonoros que o poeta utilizou e indique o porquê. Para assistir a uma excelente apresentação do poema, em formato de jogral, que respeita a sonoridade do trem que o poema representa, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=O1bDntWPjj4>

Trem de Ferro

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isso maquinista?
Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu fogueira
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
(trem de ferro, trem de ferro)

Oô...Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Oô...
(café com pão é muito bom)

Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá



Fig. 10 - Trem de ferro

Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matar minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...
(trem de ferro, trem de ferro)

BANDEIRA, Manoel. *Trem de ferro*. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/trem.htm> Acesso em 20 de fev. 2012.

Um passo a mais



Acesse o livro *Versos, sons, ritmos*, de Norma Goldstein, no seguinte endereço: <http://pt.scribd.com/doc/33706367/Versos-Sons-e-Ritmos>. Nesse livro, você vai complementar os conhecimentos adquiridos nessas duas últimas aulas.

Já sei!



Nesta aula, você conheceu os principais tipos de rima utilizados na linguagem poética, assim como aprendeu a fazer um esquema rímico do poema. Também conheceu alguns recursos que trazem musicalidade ao poema, além das rimas, como a aliteração, a assonância e o refrão.

Autoavaliação



Escolha um poema de que você goste e elabore uma interpretação procurando identificar: o esquema rímico, o esquema rítmico, os recursos sonoros utilizados (aliteração, assonância, etc) e que relações esses elementos guardam com o tema do poema.



Referências

ALVES, Castro. Onde estás? In: _____. **Espumas flutuantes**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

ALVES, Castro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000006.pdf> . Acesso em 20 de fev. 2012.

_____. **Não sabes**. Disponível em: <http://poetize.blogspot.com/2003/05/no-sabes-quando-alta-noite-namlido.html> . Acesso em 20 de fev. 2012.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BANDEIRA, Manoel. **Trem de ferro**. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/trem.htm> Acesso em 20 de fev. 2012.

BASÍLIO DA GAMA. **O Uruguay**. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/basiliodagama/uraguai.htm> Acesso: 17 de fev.2012.

BLAKE, William. **O cordeiro**. Disponível em: <http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=1059&grupo=1749&topico=2828166&pag=1> Acesso em 20 de fev. 2012.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

MARIANO, Olegário. **Espera inútil**. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/EOA-7K8Q3B/5/05_espera_in_til.pdf Acesso: 20 de fev. 2012.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. Disponível em: <http://www.tanto.com.br/fernandopessoa-autopsicografia.htm> Acesso: 20 de fev. 2012.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://quepoesia.blogspot.com/2009/08/numa-margem-sentado-beira-do-rio-que.html>

Fig. 02 - <http://desenhoparacolorir.net/desenho-de-formas-geometricas-para-colorir>

Fig. 03 - <http://www.superdownloads.com.br/materias/diferencas-entre-os-formatos-de-audio.html>

Fig. 04 - <http://poetasdobrasil.arteblog.com.br/455203/Um-banquete-etereo-o-platonismo-e-a-poetica-classica/>

Fig. 05 - <http://melreichert.bloguepessoal.com/253350/Soneto-do-amor-total/>

Fig. 06 - http://www.gope.net/Br_Produtos.htm

Fig. 07 - <http://peregrinacultural.wordpress.com/2009/10/28/a-costa-do-mosquito-paul-theroux/>

Fig. 08 - http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp

Fig. 09 - <http://oraculoanunciandoapalavradedeus.blogspot.com/2011/01/o-fragil-cordeiro-de-deus.html>

Fig. 10 - <http://expoartsmolinero.blogspot.com/>